

160 mil euros para ver o filho andar

Em Cuba, 12 crianças portuguesas fintam os efeitos de lesões cerebrais

Há muito que o Tomás trata os médicos do Centro Internacional de Restauración Neurológica (CIREN), em Cuba, com intimidade de família. Não lhe estranha as caras, a língua (fala melhor espanhol que português) e nem faz birra perante as sete horas de terapia diária que lhe impõem cinco dias e meio por semana, num entra e sai frenético da terapia física, terapia da fala, fisioterapia, hidroterapia... Com quatro anos, Tomás já passou ali um terço da vida a combater

as limitações físicas que um transtorno neurológico lhe impôs, por ter nascido prematuro aos sete meses de gestação. “Os três últimos aniversários foram festejados aqui, mas valeu tanto a pena. Ele não andava, não gatinhava, só rolava um pouco para o lado direito e tinha o desenvolvimento de uma criança com metade da idade. Agora não tem atraso cognitivo e já caminha com apoio do andarilho”, conta o pai, José Araújo.

A história é seguida com ace-

nos de cabeça concordantes por mais de uma dezena de portugueses que se encontram no jardim do CIREN, nos arredores de Havana. São os pais do Tiago, do Pedro, da Catarina, da Olinda e da Carolina, todos com paralisia cerebral; da Marta, da Raquel e da Maria com doenças genéticas; e da Joana que aos 11 anos sofreu uma paragem cardíaca com efeitos físicos graves.

Por ano, entre 80 e 100 pacientes chegam ali vindos de Portugal, o país europeu com maior representação entre 83 nacionalidades. São histórias de sucesso, como a de Tomás, que os conduzem até lá e lhes alimentam uma força que os impede de desistir, pelo horror de não terem tentado tudo por um filho, mesmo quando lhes dizem que é tempo de conformação.

“Vimos empurrados pela falta de resultados no nosso país. Isto é como o desporto de alta competição. Se se treinar mais obtêm-se melhores resultados. Ninguém aqui quer filhos campeões mas queremos que cheguem mais longe”, desabafa Henrique Mota, que salienta o que todos os pais ressentem: “Não há, em Portugal, nenhum centro de terapia

intensiva como este, que os permita evoluir”.

No Porto, o seu filho Tiago, de seis anos, fazia duas horas semanais de terapia, dentro do Serviço Nacional de Saúde. As falhas eram colmatadas com recurso diário ao privado para atenuar a paralisia do lado direito. “Ele não tem atraso cognitivo, já entrou para a primária. Aqui, em alguns meses, aprendeu a desenharmo o 1, o 2, o 3 e o 4, um círculo e um quadrado. E a soprar velas. E a respirar enquanto diz algumas poucas palavras. Para ele isto é mesmo muito”.

Mas o ‘Tratamento neuro-reabilitativo, multifactorial, intensivo e personalizado’ do CIREN tem um preço. Alto. Em troca de agilização das funções perdidas devido a lesões neurológicas, os portugueses pagam (a descida do dólar é uma benesse aplaudida por todos) cerca de €2.500 por uma semana de avaliação, mais cerca de €5.000 por cada ciclo de tratamento (28 dias), mais €900 pelo alojamento do familiar, mais €7 por cada dia de alimentação à base de frango, arroz e feijão. Acrescentem-se as viagens e os extras necessários para colmatar a falta de meios, comida e conforto do

SAÚDE NO ESTRANGEIRO

Pedidos de ajuda mal encaminhados

Os pais queixam-se de falta de apoio do Estado português no envio de pacientes para Cuba. Porém, à Direcção-Geral de Saúde, que regula a Assistência Médica no Estrangeiro (AME), os pedidos não chegam. Os únicos registos datam de 2004 e 2005, dizem respeito ao tratamento de dois adultos tetraplégicos no CIREN e foram aceites. Os pedidos não podem ser feitos pelas famílias, mas através do hospital que segue o doente, acompanhados de um relatório médico com o motivo, local e prazo. A DGS gasta por ano em 48h. A DGS gasta por ano €2 milhões com a AME e mais de 90% dos casos são deferidos

centro, e cada mês ali passado fica a rondar os 10 mil euros.

“Felizmente tenho tido o necessário para pagar a evolução do meu filho. Nem imagino o que é não poder fazê-lo. O Tomás estaria numa cama, ou a arrastar-se pelo chão”, desabafa José Araújo, emocionado. Para que, um dia, ele possa andar gastou já mais de 160 mil euros. E sempre que Tomás regressa a Portugal vem também uma terapeuta cubana. Por ela paga ao CIREN €250 por mês. Cuba paga-lhe a ela apenas 20 pesos (€13).

Quem não tem dinheiro, pede. Desesperadamente. Basta uma busca rápida na «net» para encontrar dezenas de casos. Foi graças à solidariedade que chegou à clínica a Carolina com a avó Leonilde, que conta num ‘Diário de Cuba’ (www.carolinatlucas.com) cada pequena evolução da petiz de três anos. Este mês também lá esteve, graças à ajuda alheia, um menino de 12 anos. Os médicos avaliaram-no, descobriram um QI acima da média e deram esperança aos pais. “Mas eles só tinham dinheiro para a avaliação”, conta José. “Partiu-me o coração vê-los partir”.

RAQUEL MOLEIRO
rmoleiro@expresso.pt

